

## Identidade cultural e comunicação de fronteira<sup>1</sup>

Vera Lucia Spacil Raddatz<sup>2</sup>

### A centralidade da cultura e a identidade

A fronteira não representa mais o limite ou a linha divisória entre territórios, mas uma área de conexão entre interesses bilaterais de ordem política, econômica e cultural. Cabe aqui observar mais de perto os interesses culturais, que dizem respeito às formas de identidade manifestadas através da comunicação na fronteira.

Essas formas de identidade podem ser entendidas como representações que nos constituem como sujeitos e nos posicionam na realidade, dentro de uma visão de identidade e cultura como construção social, aos moldes de Hall, que nos assegura a centralidade da cultura, isto é, o papel constitutivo da cultura em todos os aspectos da vida social. Para Hall,

o que denominamos “nossas identidades poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo formadas culturalmente. Isto, de todo modo, o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas.”(Hall, 1997,p.26)

Hall percebe a centralidade da cultura como a articulação dos valores culturais, econômicos e sociais, um conceito apesar de novo, muito importante, que pauta hoje os Estudos Culturais. Pela noção da centralidade da cultura começamos a pensar como certos fenômenos podem ser reconhecidos dentro de uma mesma situação. Rompemos a idéia de causa e efeito, refletindo na questão de como, aparentemente, fenômenos isolados têm conexão. Não há uma resposta pronta sobre isso, mas é certo o nexo que existe entre esses fenômenos. Talvez aí resida o ponto-chave da centralidade da cultura. Noção que se aplica também às relações existentes no cotidiano dos cidadãos fronteiriços e que aparece na comunicação midiática de fronteira, por meio dos programas de rádio e televisão, páginas de jornais e *sites* da internet.

---

<sup>1</sup> Trabalho encaminhado para o Colóquio Transfronteiras Sul

<sup>2</sup> Professora da UNIJUI – Universidade Reg. do Noroeste do Estado do RS; Mestre em Comunicação Social pela UEMESP

Desde o século XIX, o desenvolvimento das novas tecnologias empregadas à comunicação têm diminuído as distâncias e estreitado as relações entre os povos e suas culturas. O que acontece na China agora, em questão de minutos ou até segundos, pode ser notícia por aqui, impulsionado pelo comportamento de um mundo globalizado, que cada vez mais parece querer aproximar as identidades. Entretanto, adverte-se que este mesmo comportamento é regido por um conjunto de idéias configuradas de maneira tal nos países desenvolvidos em relação aos países em desenvolvimento, que denota a supremacia dos primeiros em relação aos segundos, ancorada, principalmente, pela produção de tecnologia e pesquisa, hoje uma das formas mais poderosas de estabelecer ou manter a hegemonia.

Ao mesmo tempo em que as sociedades desenvolvidas podem se posicionar como iguais às menos desenvolvidas, dentro da visão da globalização, considerando-se suas potencialidades de acesso à informação e ao conhecimento, elas atuam também como geradoras dos processos de produção das ferramentas que movem essa sociedade e propiciam a participação de diferentes elementos que passam a ter a sensação de que são co-produtores desse processo. Assim, alimenta-se a idéia ilusória de que a globalização e as novas tecnologias de comunicação estão colocadas para todos com a mesma disponibilidade e que os limites e as diferenças entre os povos estão se dissipando.

### **A fronteira:**

A mídia é hoje um dos elementos mais importantes nesse processo de educação sem intenção de fazer educação e da difusão da cultura de fronteira. O rádio, o jornal, a televisão e a internet são os meios disponíveis para fazer circular as informações de maneira ampla aos sujeitos. Pelo uso da tecnologia as sociedades se desenvolvem, descobrem suas potencialidades e imprimem os traços de sua cultura. Na fronteira, os elementos culturais passam e se difundem também pela mídia. Neste trabalho, queremos analisar mais especificamente o universo da comunicação na fronteira e como isso se processa na mídia rádio, tomando como base a pesquisa sobre fronteira realizada para a dissertação de mestrado *O Rádio de Fronteira e o Mercosul*, que defendemos em setembro de 2000 na Universidade Metodista de São Paulo. E renovamos, ainda mais, nosso interesse pelo tema através das discussões feitas no PPGCOM da UFRGS em 2004.

Hoje, quando pensamos em cultura de fronteira não podemos esquecer que o enlace de corpos e culturas que vem se dando desde a época da colonização dos países do Mercosul sempre esteve muito mais presente e palpável nas regiões de fronteira. A fronteira é o limite, entendida em várias áreas do conhecimento nas mais variadas acepções que o termo permite.

No seu caráter histórico, o vocábulo fronteira vem do latim *fronteria* ou *frontaria*, que significa a parte do território que fica *in fronte*, nas margens.

O homem é a medida de todas as coisas e ele cria suas próprias fronteiras, pensa a filosofia, que vê a fronteira também indispensável como estímulo para o pensar humano, tanto para penetrar o desconhecido como para deter-se nele. A fronteira, desse modo, é para o indivíduo a garantia de sua absoluta independência e, ao mesmo tempo, a possibilidade de avançar e conhecer. No que diz respeito à fronteira do conhecimento, todo e qualquer avanço significa a ruptura de posturas anteriores. O que aparece então como limite do conhecimento científico mostra seu caráter efêmero. Pela fronteira se constrói ou se redimensiona o conhecimento.

Na sua definição mais comum, a fronteira é o limite do território que implica uma mudança de comportamento tanto física quanto social. Sempre que se cruza a fronteira é preciso guiar-se pela lei de outro território, obedecer às normas nele vigentes. É ingressar num universo que não é o seu nem o costumeiro. Cheio de curiosidade dá-se a conhecer, a espiar todas as paisagens, buscando o novo e descobrindo as nuances e as sutilezas. Às vezes sente-se o impacto de um choque cultural porque não se está preparado previamente para ver com naturalidade o que é encontrado. Tem-se dificuldade em soltar a língua, tropeça-se nos verbos, carrega-se no sotaque e estranha-se o gosto das coisas. Procura-se pouco a pouco aprender os passos do novo ritmo.

A fronteira é quase sempre olhada como um obstáculo até que se atinja o lado de lá. Ela, às vezes, guarda a marca da guerra e inibe o visitante. É a hora da identificação, de mostrar as intenções e de permitir-se ser olhado com desconfiança. Mas ela também pode ser a fuga, o paraíso e o descanso, quem sabe a liberdade. Numa fração de segundos pode também deixar de existir por força de um protocolo, mas não ideologicamente.

À medida que o espaço das relações muda de escala, altera-se também o significado das fronteiras. Nunca se falou tanto, na remota utopia de se viver livremente num mundo sem fronteiras, idéia desencadeada a partir da avalanche de informações descarregadas todos os dias através dos meios de comunicação de massa em todas as partes do planeta. Primeiro as fronteiras eram étnicas, depois confessionais, hoje econômicas.

O incremento das comunicações conseguiu fazer diminuir a importância das fronteiras estatais e mesmo das ideológicas, mas em contrapartida tornou mais drásticas as distinções da natureza socioeconômica. (...) Criadas antes para proteger do que para isolar, elas se ligam à necessidade primitiva do homem em encontrar abrigo para suas manifestações coletivas, entre as

quais pode-se incluir certamente, o desejo de saber o que se passa e o que existe do outro lado da fronteira (Martín,1994, p. 87/88).

Há um interesse relativamente contemporâneo pela questão das fronteiras e também persiste a grande dificuldade em definir a questão envolvendo uma variedade de agrupamentos significativos que caracterizam o tema. História, povo, raízes, identidade nacional, pluralidade, soberania, limite, linha divisória, são termos que automaticamente se relacionam à questão da fronteira, carregam uma carga semântica muito grande em um contexto econômico-político-social:

A fronteira é, a um só tempo, área de separação e aproximação, linha de barreira e espaço polarizador. É, sobretudo, um espaço de tensões, de coexistência das diferenças e do estabelecimento de novas realidades socioculturais. Do ponto de vista político a fronteira é uma faixa, uma muralha da China, um corte imposto, a ser atravessado e derrubado como decorrência da visão contemporânea, que estimula a formação de blocos econômicos supranacionais (Castello, 1995, p. 18).

Assim, os estudos sobre as realidades de fronteira não devem sair da dimensão transfronteiriça, tendo sempre em vista a globalização e o conhecimento integrado dos problemas e potencialidades destes espaços. As fronteiras naturais, míticas ou filosóficas oferecem ao indivíduo a opção de transcendê-las, explorando o desconhecido e incitando o desejo de conhecer e transformar esses espaços em áreas sem limites, lembrando sempre que a última fronteira é a morte. Mas somente se o homem for capaz de causar o desmoronamento das fronteiras, sejam naturais ou artificiais, terá descoberto que é algo interno e indispensável para uma verdadeira praxis humana. A fronteira é ao mesmo tempo estímulo para o desenvolvimento humano e preservação das tradições milenares.

Do ponto de vista de Anamaria Fadul, “a constituição de megamercados regionais com o objetivo de formar uma economia de escala e ao mesmo tempo aumentar a competitividade entre parceiros de uma região trouxe à discussão a necessidade de se pensar as formas de superação não somente das fronteiras econômicas como também políticas e sociais”. (Fadul,1995, p.1-4) A questão de maior relevância que ela coloca em relação às fronteiras existentes entre o Brasil e os outros países da América Latina é a possibilidade da eliminação das fronteiras culturais, superando as fronteiras da comunicação, buscando políticas comuns no sentido de preservar as identidades nacionais, apesar da globalização.

Diferentemente da economia, quando se trata de cultura não se pode harmonizar ou padronizar. São justamente as diferenças culturais que marcam a personalidade de um

determinado povo e por isso mesmo seria muito difícil abolir as fronteiras culturais entre os países do Mercosul. Integrar, conhecer, realizar o intercâmbio e através dele aprimorar a técnica e a arte e ampliar as dimensões de vida é perfeitamente possível. A diversidade cultural é uma riqueza infinita e não pode continuar restrita ao interior de cada país ou somente às fronteiras geográficas. Através desse intercâmbio que está começando a aparecer no Rio Grande do Sul, pelo cinema (*Festival de Gramado*), literatura (*Feira do Livro*), dança (*Porto Alegre em Dança*) e arte (*Bienal do Mercosul*) esboçam-se os primeiros passos no sentido de descobrir nas afinidades aquilo que pode ser comum culturalmente e o que permaneceria como marca individual e personalizada de cada país, aspecto resultante da capacidade criadora a partir de uma realidade cotidiana diferenciada.

... se pode fazer muito na área dos Direitos Culturais, principalmente no que diz respeito a uma uniformização dos direitos de autor, um dos grandes problemas sempre enfrentados nos processos de integração. Uma avançada legislação cultural para a região poderia trazer um grande incentivo para a circulação das várias mercadorias culturais...(Fadul, 1995, p. 7).

bAs fronteiras parecem começar a se render à liberdade de comunicação e ao conhecimento mútuo. Caminha-se para uma distância menor entre a fronteira geográfica e a política que não esquece, por outro lado, o sentido de que a fronteira é um organismo vivo e envolve o instinto de proteção e segurança. Como uma mãe, ela acolhe outros filhos, mas sem deixar de proteger os seus.

Dentro de uma perspectiva de segurança nacional, aparece a denominação de “fronteira viva”, uma designação dada pelo General Golbery do Couto e Silva para a área de tensão e de choque e ao mesmo tempo de maior identidade com os países do Prata, referência feita aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Em sua dissertação de Mestrado “Televisão e Fronteira”, Edgard Silva Pereira diz que algumas medidas foram tomadas pelo regime de segurança nacional brasileiro em relação à “fronteira viva”. Entre elas, a criação de uma barreira eletrônica, feita por emissoras de rádio e televisão. O aumento de potência das rádios e a liberação de diversos canais de televisão, estrategicamente, ocuparam espaços reconhecidamente críticos e que estariam mais suscetíveis às influências estrangeiras, tornando-se, do ponto de vista geopolítico, mais protegidos da dominação (Pereira, 1985, p.42/43).

Em relação à fronteira viva, o papel do Estado é particularmente determinante para catalisar e reorientar as expectativas e tensões sociais, desviá-las para uma dimensão

horizontal, da qual se espera que ofereça a promoção vertical impossível nas regiões econômica e sociologicamente estabilizadas. O Estado, fazendo um deslocamento dos conflitos centrais e organizando os espaços, tendo a fronteira como um requisito para isso, asseguraria assim sua legitimidade e estenderia sua soberania (Aubertin, 1988, p.12). Dentro desta perspectiva, a fronteira não pode ser observada apenas no seu aspecto de construção ideológica, mas também nos seus traços culturais e na sua diversidade. E controlando todos esses níveis está presente o Estado. Para que possa manter-se ali, o Estado se abre para aceitar e administrar essa pluralidade, permitindo o desenvolvimento econômico e inibindo conflitos.

O próprio conceito institucional de fronteira que o Brasil adotou evoluiu ao longo do tempo. Primeiro, em 1850, a Lei de Terras regulamentou o conceito jurídico de faixa de fronteira, que correspondia a uma extensão de dez léguas (uma légua é uma medida itinerária equivalente a 6000 metros de largura) próximo à linha de fronteira. A concepção jurídica de faixa de fronteira instituí automaticamente um tratamento diferenciado em relação às outras áreas, concebendo-a como uma área de defesa nacional. A Carta de 1891 consagrou constitucionalmente a regulamentação e as Constituições de 1934 e 1937 ampliaram essa faixa para 100 e 150 quilômetros. Em 1955 a Lei 2.597, de 12 de setembro, regulamenta a faixa de fronteira em 150 quilômetros de largura e determina em seu artigo 2 que o Conselho de Segurança Nacional aprove a instalação de meios de comunicação na faixa de fronteira, revelando a preocupação do Estado em prover as regiões de segurança, criando uma barreira eletrônica nesses locais (Pereira, 1985, p.36). Na Constituição promulgada em 1988, no Art.20, § 2º consta que “a faixa de até cento e cinquenta quilômetros de largura, ao longo das fronteiras terrestres, designada como faixa de fronteira, é considerada fundamental para defesa do território nacional, e sua ocupação e utilização serão reguladas em lei”.

No princípio o homem entendia a fronteira como os obstáculos naturais, rios, montanhas e desertos que impediam a apropriação do território além dali e formavam um coletivo identificado com este mundo que o circundava. No decorrer do tempo, a esta fronteira se somou a coletiva: a da identidade lingüística, cultural, política, econômica – e a militar, que representa ainda a garantia da segurança. Onde não havia fronteiras naturais desenvolveu-se a idéia de fronteira política, a marca da soberania de um Estado e sua liberdade de agir com poder. O poder de um inicia onde termina o poder do outro. Na medida em que o homem desenvolvia a técnica em relação à superação desses obstáculos naturais, crescia a importância da fronteira militar e abria-se espaço para a fronteira política com a integração do mundo. Uma fronteira nesse contexto deixa uma porta entreaberta para outros

paradigmas e visões de mundo que vão invariavelmente penetrando na coletividade: valores econômicos, religiosos e artísticos ( Mattai, 1991, p. 37).

Esses valores fazem parte da cultura que os meios de comunicação de uma forma ou outra vão delineando em sua programação. Se pensarmos em mídia de fronteira, o rádio se insere no contexto como um veículo sem fronteiras.

Muito antes da Revolução de 64 o rádio já vinha fazendo eco nas regiões de fronteira. Sua característica de ultrapassar limites através de ondas conquistou públicos heterogêneos dos dois lados da fronteira, usando como artifício primeiro a música e a programação cultural e depois os programas jornalísticos. O rádio tem conseguido amenizar as barreiras e estreitar os laços de integração entre os países. Registra-se, a propósito, a existência desde 1993 da formação da Rede Conesul de Comunicação, integrada pelas rádios Gaúcha, de Porto Alegre, Mitre, de Buenos Aires, Carve, do Uruguai, e Nanduty, do Paraguai e a parceria da Rádio Cooperativa de Santiago.(...) E neste contexto a língua é a principal barreira, que vai sendo superada aos poucos através do aprendizado e familiaridade com o idioma. Muita coisa ainda precisa ser feita para melhorar a comunicação no Mercosul. Quanto mais evoluírem as relações de produção, comércio e interação humana no mundo contemporâneo, mais chance haverá de ser construída uma consciência clara de objetivos entre as nações e do quanto é importante olhar o Mercosul como uma troca de bens, idéias e culturas, num intercâmbio fértil de identidades.

A propósito, por ocasião da pesquisa realizada na região de fronteira, observando a programação das rádios AM Charrua, de Uruguaiana (Brasil) e Continental, de Paso de los Libres (Argentina); Cultura, de Santana do Livramento (Brasil) e Internacional, de Rivera (Uruguai); Cultura, de Foz do Iguaçu (Brasil) e Parque, de Ciudad del Este (Paraguai), pudemos observar que as seis emissoras, das sete às 19 horas abordam treze temas que servem costumeiramente à pauta de repórteres e refletem que o rádio e, por extensão, a mídia de fronteira, funciona como um porta-voz da comunidade, um elemento articulador dos interesses que circulam nas comunidades de fronteira. Os temas mais frequentes são: audição musical, pedidos musicais, aduana/ponte internacional, câmbio, ocorrências policiais, política, eventos culturais, esporte, utilidade pública, plantão farmácias, turismo, dados climáticos e notas sociais.

Aparece em primeiro lugar, com unanimidade, a aduana, o câmbio, as ocorrências policiais, os eventos culturais e a política. Em segundo lugar, quatro das seis emissoras apresentam audição musical e esporte e em terceiro, três das seis, fazem a utilidade pública ou recados para o outro país.

Os temas apontados servem como um termômetro do que fato interessa à comunidade da fronteira e que não difere muito dos outros espaços em que o rádio está inserido. As observações sublinham a idéia de que o mundo da fronteira é um universo basicamente voltado para o cotidiano e para as questões que são comuns tanto do lado brasileiro, como do argentino, uruguaio ou paraguaio. Os temas refletem a posição da mídia como elemento aglutinador de fatos que abrem a cortina do dia-a-dia. A mídia é como o reflexo das relações e expectativas mantidas entre as sociedades vizinhas, o que pode ser traduzido como uma forma de integração que se processa naturalmente no contexto cultural local.

Não se trata de discutir se todas estas questões remetem a uma democracia da comunicação de fato ou se são formas falsas de democratização da sociedade moderna pelo viés da comunicação. Sabe-se que, desde as sociedades mais antigas, qualquer forma de governar está elementar e diretamente ligada a uma forma de governo e, entre os mais poderosos estão sempre aqueles que melhor utilizam a comunicação. Reporte-se à Grécia de Péricles, a Roma de Caio Júlio César, à Itália de Marco Polo, à França, de Rousseau. A cada século, imperadores, viajantes ou pensadores se encarregam de impulsionar o desenvolvimento das civilizações, ampliando o patrimônio histórico e cultural, até porque cultura, história e tecnologia se entrelaçam e perpetuam o conhecimento. “Desde as mais antigas formas de comunicação gestual e de uso da linguagem até os mais recentes desenvolvimentos na tecnologia computacional, a produção, o armazenamento e a circulação de informação e conteúdo simbólico têm sido aspectos centrais da vida social.” (Thompson, 2002, 19)

### **As dimensões da cultura:**

Buscar um entendimento para o termo cultura é mergulhar num poço conceitual muito profundo, pois as mais diversas áreas do conhecimento já se debruçaram e se utilizaram da própria cultura para destacar as suas relações, especialmente as ciências sociais e humanas. Não podemos dizer que cultura é tudo, mas se analisarmos o diagrama de Hall, do circuito da cultura, vamos perceber que a identidade, a representação, a regulação, o consumo e a produção da cultura estão intimamente relacionados, não havendo possibilidade de separar um desses elementos para a partir dele tentar construir um conceito de cultura. A cultura perpassa a vida e funciona como uma mediação de todo o processo de evolução das sociedades. A meu modo de ver, para compreendermos a cultura, considerando todas as complexidades que isso



significa, é preciso passar necessariamente por três dimensões: a do conhecimento de mundo, a das raízes históricas e sociais e a do desenvolvimento tecnológico das sociedades.

A dimensão do conhecimento de mundo refere-se a tudo aquilo que o indivíduo aprende no decorrer da vida e é capaz de ir transformando o seu modo de pensar e viver. O conhecimento de mundo não é adquirido num só lugar, mas resultado de um conjunto de situações vividas na escola, na igreja, na família e na sociedade, desde o momento de seu nascimento, podendo sofrer influência dos grupos de convivência social. Essa mesma convivência, proporcionada pelo contato com o outro, produz aquilo a que chamo de experiência de vida. Trata-se de um conhecimento em constante mutação, individual, mas obtido a partir da exposição ao coletivo e que nunca pode ser olhado como pronto ou definido. É pela linguagem que esse conhecimento de mundo é transmitido e apreendido.

Todos os indivíduos, independente de idade, religião, classe social, origem étnica ou nacionalidade desenvolvem um conhecimento de mundo, que não pode ser medido ou submetido a uma análise metodológica cientificista de forma sistemática, pela natureza do universo que abrange. Podem ser enquadrados neste âmbito as receitas de cozinha, as relações estabelecidas entre as diversas áreas do conhecimento, o aprendizado pela leitura, e pelas artes, e o saber propriamente dito. Não fica de fora o aprendizado proveniente da utilização ou observação da natureza e da realidade.

Todos os elementos que compreendem o conhecimento do mundo contribuem para a prática e o exercício da cidadania e do ser social. Assim, o indivíduo pode se tornar mais ou menos participativo e atuante na esfera em que vive; pode construir interações e mediações com outros indivíduos e fazer as trocas ou as cópias necessárias para manter vivo o seu processo de mudança. As trocas se fazem quando as diferenças são reconhecidas como importantes para o processo de formação desse conhecimento; as cópias são inevitáveis pela força da observação e adaptação do ser humano às diferentes situações que aparecem ao longo da vida.

Dentro do processo de formação do conhecimento do mundo, a mídia exerce um papel muito importante. Ela atua como reflexo das atitudes dos sujeitos, o que denomino de energia simbólica. Atuando como reflexo, os indivíduos se enxergam na mídia porque ela reproduz simbolicamente um certo grau ou tipos humanos e sociais. Essa energia simbólica alimenta os significados comuns que já existem na sociedade e cria novos sentidos e necessidades que vão se incorporando ao sujeito. Esse sujeito responde de forma diversificada a essa energia, porque ele carrega dentro de si a experiência de vida, que o torna único, embora guarde as

influências do coletivo. É neste coletivo que reside a essência da energia simbólica, porque o coletivo representa o que é comum a uma grande maioria de sujeitos e não as suas diferenças.

O que faz com que determinados tipos sejam apresentados como referência na mídia, não é o que eles têm de desigual, mas as características comuns exaltadas, nas quais os outros se enxergam ou se espelham. E o conhecimento de mundo também passa por essa busca de auto-afirmação da identidade do sujeito em relação aos outros sujeitos. Portanto, os indivíduos se reconhecem na mídia. E os exemplos por ela elaborados podem ser tanto aplaudidos como rechaçados justamente pela dimensão do conhecimento de mundo e também pela dimensão das raízes históricas e sociais. Os sujeitos só existem como forma cultural, quando se colocam diante de outra forma. É quando o eu se defronta com o outro que a identidade se constrói e se toma a consciência dessa cultura.

A dimensão das raízes históricas e sociais abriga todos as heranças dessa ordem relativas à família, ao país em que nascemos e aos grupos com os quais convivemos. Situa-se aqui a língua materna, o patrimônio histórico, os valores, a religião, as crenças, o folclore, o artesanato, a música, e as artes de modo geral. É tudo aquilo que, antropológicamente se diz, vai sendo transmitido de geração a geração. É óbvio que nada disso é estanque, mas mesmo ante as mudanças que vão se processando, a essência dessas manifestações permanece como uma herança, um legado, que precisa ser protegido, defendido e preservado como um traço de identidade de um determinado povo, grupo ou sociedade. Essa dimensão se alinha à “concepção descritiva” da cultura apontada por Thompson: “a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, idéias e valores, bem como os artefatos, objetos ou instrumentos materiais que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade.” (Thompson, 2002, 173) É importante frisar que este conceito é apenas uma dimensão daquilo que entendemos por cultura.

Por meio das raízes históricas e sociais o homem conserva uma parte de sua identidade no mundo, mas também estabelece regras e normas para o funcionamento e o controle da sociedade, mantendo vivas muitas tradições seculares, como se fossem a pedra fundamental de toda uma história. Essa dimensão é aceita pela maioria dos sujeitos sociais como verdade histórica e exerce uma certa forma de poder e controle social, através de uma força simbólica, que não pode ser visualizada, mas se concretiza em muitas significações elaboradas na sociedade. Também aqui a linguagem atua como meio para a circulação do discurso e assimilação das idéias, lembrando que no enfoque de Hall, o discurso é a própria construção da realidade e a linguagem constrói significados.

Os sujeitos reconhecem como parte de suas origens aqueles elementos que situamos dentro das raízes históricas e sociais. A escola e as instituições de modo geral são os responsáveis pela manutenção dessa dimensão da cultura. Estão incluídos aqui também todos os elementos que constituem expressões e manifestações próprias de determinados grupos ou regiões, como o artesanato e a música, por exemplo. Extraída das suas raízes e das suas origens, essa cultura vai se perpetuando, sendo transmitida às vezes de pai para filho, adaptando-se às mudanças sociais ou incorporando-se criativamente a elas. Mesmo as idéias, por mais que permaneçam no tempo, rendem-se aos novos comportamentos. Aquilo que o homem faz ou produz vai desenhando a história de seu tempo e carregando suas marcas e lutas de toda uma trajetória.

Compreender a cultura na sua dimensão das raízes históricas e sociais é penetrar também no contexto histórico e político, onde estão alojadas todas as formas de cultura. Nenhum movimento cultural se dá isoladamente ou no vazio. Fixa-se no seio da sociedade e segue seu curso impulsionado pela vontade e desejo de mudança dos seus sujeitos, inclusive do sujeito mídia. Este sim, um outro componente cultural muito importante na formação da cultura fronteiriça.

Nesse contexto, retomamos a idéia de fronteira agora como um lugar onde o eu e o outro, enquanto formas culturais se interpenetram para construir um elemento de identificação, pois nesse caminho ambos abrem espaço para a aproximação, deixando-se penetrar pela cultura do outro, quebrando barreiras para se tornarem disponíveis a refletir a respeito do outro. Isso não significa anular a própria identidade ou a identidade nacional, mas buscar a síntese e enfatizar os laços comuns. A um só tempo, a fronteira é um lugar de integração e de separação. Naturalmente, um espaço de tensão, cercado de antagonismos e contrastes, o que, paradoxalmente, não impede a evidência de muitos traços de identidade, que se manifestam pela linguagem, pelo imaginário, memória, história e costumes. Estes traços delineiam-se dentro das duas primeiras dimensões da cultura tratadas por este texto e pela terceira – a do desenvolvimento tecnológico das sociedades- que queremos discutir agora.

Segundo Thompson, “os meios técnicos podem armazenar informações ou conteúdo simbólico, e por isso são considerados como diferentes tipos de mecanismos de armazenamento de informação”. (2002,p.26) Esses mecanismos fazem parte da constituição do desenvolvimento tecnológico da sociedade que permitiu ao longo do tempo a produção, circulação e transmissão da informação e do conhecimento à humanidade. Situam-se aqui,

tanto as inscrições em pedra, o papiro, a prensa de Gutemberg, bem como o telefone, o rádio, a televisão e a internet, os satélites, os cabos de fibra ótica. Cada um desses mecanismos exige um conhecimento técnico, um domínio para explorar as potencialidades dessa tecnologia. Ao mesmo tempo, é preciso decodificar as mensagens e o conteúdo simbólico que circulam através dela. Neste cenário renova-se a importância da cultura enquanto conhecimento de mundo e quanto às raízes históricas e sociais.

“Quando indivíduos codificam ou decodificam mensagens, eles empregam não somente as habilidades e competências requeridas pelo meio técnico, mas também várias formas de conhecimento e suposições de fundo que fazem parte dos recursos culturais que eles trazem para apoiar o processo de intercâmbio simbólico. Estes conhecimentos e pressuposições dão forma às mensagens, à maneira como eles as entendem e relacionam com elas e as integram em suas vidas.” (Thompson, 2002, 29)

Dentro desta perspectiva que considera o desenvolvimento tecnológico das sociedades, o sujeito cria, reproduz, recria o que já existe e produz no presente, considerando o passado, com uma visão de futuro. É nesta dimensão de cultura que reside o maior compromisso do ser cultural em disseminar todo o conjunto de coisas, idéias e razões que justificam a história da existência humana e da sobrevivência das sociedades. Nesta dimensão, pela produção e uso de tecnologias, o homem toma uma atitude como ser cultural, com o poder de modificar os destinos da humanidade e do comportamento das sociedades. Essa dimensão de cultura, faz pensar sobre o sentido do homem, daquilo que ele mesmo cria e os reflexos que isso representa na sua cultura local. De que modo as tecnologias criadas pelo homem estão interferindo, influenciando ou transformando o modo de vida de uma cultura local ou de toda uma sociedade?

Consideradas essas três dimensões da cultura, acreditamos que não podemos concebê-las de modo isolado. Muito menos, analisar qualquer manifestação cultural sem enxergar o nexo que enlaça as características de cada uma das dimensões. A centralidade da cultura permeia a vida das sociedades e constitui todos os aspectos da vida social também dos povos que vivem na fronteira. Estes, vão construindo sua identidade multifacetada, a partir de suas vivências, experiências comuns do seu conhecimento de mundo. Apesar das inovações, não perdem de vista as suas origens e a sua história, ou seja, as raízes históricas e sociais. Mas não basta conhecer e preservar as raízes; é necessário difundir as idéias, trocá-las, criar e renovar o mundo ao redor. Assim, o desenvolvimento tecnológico contribui para que a cultura dessas e

de outras regiões seja conhecida. O fazer ajuda a transformar e a repensar sobre o que já existe.

As comunidades de fronteira buscam-se na mídia e nela encontram-se representadas, ao mesmo tempo em que visualizam naquilo que ouvem, lêem ou vêem os traços que as identificam ou aproximam. São os sujeitos colocados diante de outros sujeitos para construir a identidade como consciência dessa cultura.

### **Considerações finais**

A identidade cultural da fronteira situa-se dentro do patamar das três dimensões da cultura abordadas por este trabalho, ou seja, a do conhecimento do mundo, a das raízes históricas e sociais e do desenvolvimento tecnológico das sociedades, pois não há como separar o que compreende estes aspectos dentro das relações que vivem os habitantes deste espaço geográfico. Embora haja diferenças de toda ordem, seja no idioma ou na concepção histórica destas sociedades, o cotidiano do povo fronteiriço envolve rotinas semelhantes e fazeres da mesma ordem. Até mesmo os sonhos e os desejos caminham na mesma direção, que conta sempre com a meta de não ser mais um povo esquecido pela resto da nação, marginalizado, ou excluído de programas destinados a outras regiões do país.

As comunidades de fronteira não querem ser reconhecidas apenas como um lugar de defesa nacional ou como um local de tensões, pois as práticas quotidianas ensinaram que a harmonia, o intercâmbio e a integração é o que de fato encoraja a população a superar os principais problemas de sua realidade.

Nesse sentido, a mídia de fronteira atua como elemento de integração de diferentes culturas, pois propicia espaços tanto nas páginas dos jornais, quanto nos noticiários de TV e rádio para questões que dizem respeito ao cotidiano dessas comunidades, guardadas as devidas proporções do que é realmente de interesse local e do que compreende o interesse fronteiriço. O que se pode notar na mídia de fronteira – embora ainda não haja ações de trabalho integrado entre os veículos de comunicação - são pautas como aduana, política, câmbio, polícia, música, eventos e esportes, cujos assuntos dizem respeito justamente à problemática das populações de fronteira .

Assim, pelo rádio, ou pela televisão ou jornal, as idéias atingem outros territórios marcados por caracteres diferenciados no que diz respeito à cultura e à realidade. Mas justamente porque essas diferenças são visíveis e há também muitas semelhanças nesse contexto que a mídia de fronteira, especialmente o rádio, funciona primeiro como elemento

identificador dessas variáveis, e depois, como um dos articuladores da discussão em torno de uma problemática comum às comunidades.

Ao colocar em pauta assuntos que refletem a problemática das populações de fronteira, a mídia, de forma articulada, abre espaço para a discussão de questões comuns a populações unidas por muitas afinidades, interesses e circunstâncias que requerem atitudes comuns. A mídia funciona então, indiretamente, como porta-voz dos interesses dessas sociedades e como elemento organizador das consciências coletivas e fator potencial para a construção da identidade desses povos.

A mídia pode ser olhada, indiretamente, como um dos elementos organizadores do coletivo, porque através dela podem ser visualizadas as similaridades e as diferenças que constituem a construção da identidade destes povos. Os sujeitos se vêem na mídia, ao mesmo tempo em que vêem os outros sujeitos. Isso permite o desenvolvimento de uma visão crítica em relação a si mesmo e aos outros. Só a consciência da existência do outro permite a consciência de si mesmo.

Talvez este seja um dos pontos que explique por que razão resiste e sobrevive a idéia da cultura de fronteira dentro de um contexto em que todos vivemos uma cultura do global. A cultura de fronteira é multifacetada, diversificada e sua própria identidade é mesclada por traços em que mesmo as diferenças podem significar identidade. A comunidade de fronteira situa sua cultura como uma espécie de forma de resistência – pela dimensão das raízes históricas e sociais – mas consegue se manter viva pela dimensão do desenvolvimento tecnológico das sociedades. O fato de não ter sua identidade descaracterizada diante do global não quer dizer que a cultura de fronteira não esteja sintonizada com a modernidade ou aberta ao novo. Ela é sim, um conjunto de manifestações, idéias, conhecimento e fazeres, que vão se construindo nesse processo ao mesmo tempo em que toma consciência de sua identidade e da redescoberta dos valores e novos papéis que ocupa na sociedade contemporânea.

#### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

AUBERTIN, Catherine (org.). Fronteiras. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.

CASTELLO, Iára Regina. Áreas de Fronteira: territórios de integração, espaços culturalmente identificados? In: Práticas de Identificação nas fronteiras: temas para o Mercosul. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, Instituto GoetheICBA, 1995.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FADUL, Anamaria. Cultura e Fronteiras Comunicacionais no Mercosul. São Paulo: ECA/USP. Paper apresentado na Universidade de McGill, Canadá e Instituto de Estudos Transnacionais (México) em Montreal, 21 – 26 fevereiro, 1995.

GARCIA CANCLINI, Néstor. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da USP, 1997.

GAZETA MERCANTIL LATINO-AMERICANA. São Paulo: Edição de 10 a 16 de maio, 1999.

HALL, Stuart (org). Representation. Cultural Representation and Signifying Practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

MARTÍN, André Roberto. Fronteiras e Nações. Col. Repensando a Geografia. São Paulo: Contexto, 2ª ed. 1994.

MARTINS, Maria Helena (org). Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai e Argentina. São Paulo: Ateliê, 2002.

MATTAI, Horst. El hombre y sus fronteras: una visión filosófica. In: Estudios sobre las culturas contemporáneas. Colima: Editora Universidad de Colima, 1992.

MULLER, Karla Maria. Mídia e fronteira. Tese de Doutorado em CD. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PEREIRA, Edgard Silva. Televisão e fronteira. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Biblioteca da UMESO, 1995.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. O rádio de fronteira e o Mercosul. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 4ªed. Petrópolis, Vozes, 2002.